

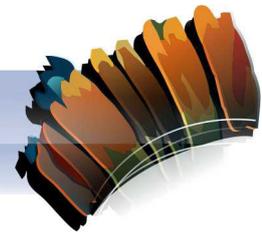
QUANDO O TERCEIRO MUNDO ENCONTROU-SE COM O SEGUNDO

Joana Salém Vasconcelos⁶

RESUMO

O presente trabalho é uma entrevista realizada em Havana com Lourdes Cervantes, chefe política da Organização de Solidariedade dos Povos da Ásia, África e América Latina (OSPAAAL) em julho de 2012. O objetivo da conversa foi problematizar a história da OSPAAAL como uma “internacional dos países subdesenvolvidos” na trajetória geopolítica do hemisfério Sul. Além disso, indagou-se sobre o papel que a revolução cubana desempenhou nessa articulação, sobre as intenções e etapas políticas que marcaram sua história e sobre as contradições experimentadas pelos movimentos de emancipação nacional que chegaram ao poder entre os anos 1960 e 1990. A entrevistadora é Joana Salém Vasconcelos, que investigou a história agrária da revolução cubana em sua pesquisa de mestrado no IE/UNICAMP.

⁶ Formanda em História pela USP (2010), onde realizou pesquisa de Iniciação Científica sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Grespan. É mestra em Desenvolvimento Econômico pela UNICAMP (2013) sob a orientação do Prof. Dr. Plínio Soares de Arruda Sampaio Junior. Atualmente, leciona nos cursos de Licenciatura em Geografia e História das Faculdades Integradas de Guarulhos (FIG). Sua dissertação de mestrado sobre a história agrária da revolução cubana foi aceita para publicação pela Ed. Alameda.

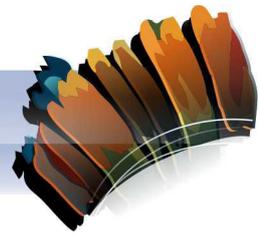


INTRODUÇÃO

Em janeiro de 1966, no auge da Guerra do Vietnã, um grupo de 82 países do hemisfério Sul, representados por 327 organizações políticas, se reuniu em Havana para a Conferência Tricontinental, idealizada pelo marroquino Mehdi Ben Barka. Líder político nacionalista, Ben Barka havia fundado a União Nacional das Forças Populares do Marrocos em 1959, e era um destacado dirigente na luta pela descolonização da África. Três meses antes da Conferência, ocupado com a Presidência do Comitê Organizador da Tricontinental, Ben Barka fora assassinado em Paris por ordem da polícia secreta da França, onde estava exilado desde 1963, após ter sido vítima de um sequestro obscuro com fortes indícios de participação da CIA. Em definitivo, a Tricontinental incomodava os líderes das metrópoles do mundo moderno, talvez porque desmascarasse os discursos em defesa dos direitos humanos que às vezes eram proferidos do Norte.

Provavelmente do Congo ou talvez da Tchecoslováquia, Che Guevara enviou a célebre Mensagem à Tricontinental, na qual propunha a criação de “dois, três, muitos Vietnãs”, focos de resistência guerrilheira contra as forças armadas dos Estados Unidos espalhadas pelo mundo. Nas periferias da Guerra Fria, os bombardeios eram quentes. O mundo colonizado despertava para reivindicar sua emancipação nacional. Na África, na Ásia e no Oriente Médio cresciam os movimentos revolucionários por independência. Na América Latina, forças sociais e políticas se empenhavam para desmascarar a precariedade da soberania nacional, resultante de processos de independência formais e incompletos. Enfim, o tema da autodeterminação dos povos se tornou um incômodo desagradável para o chamado Primeiro Mundo.

Nesse contexto, através da Tricontinental, foi concebido um contraponto hemisférico vindo do Sul, que articulasse todas estas demandas por independência e soberania. Da Tricontinental nasceu a *Organização de Solidariedade aos Povos da Ásia, África e América Latina* (OSPAAAL), instituição que existe até hoje. Seria uma ferramenta de solidariedade entre os povos dos países subdesenvolvidos e colonizados, explorados de distintas maneiras pelas potências capitalistas durante os últimos séculos, com a finalidade de financiar e organizar a luta pela soberania nacional em dimensão hemisférica. Dos movimentos guerrilheiros aos partidos que propunham a disputa de hegemonia por métodos pacíficos, uma gama de forças nacional-libertadoras se engajou na proposta. Entre 1966 e 1990, as ditaduras militares latino-americanas cuidaram de manter a OSPAAAL distante do continente, bloqueio furado pela excepcional atuação do Chile antes de 1973. Na América Latina, a solidariedade internacionalista pela emancipação nacional esteve representada pelo Caribe, e muito especialmente por Cuba.



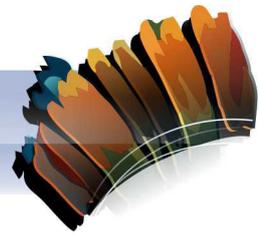
Apesar de seus recursos escassos, a OSPAAAL foi, nos anos 1970, uma força política e militar significativa nas lutas pela descolonização da África. Foi quando Cuba se tornou um elo chave entre o Terceiro e o Segundo Mundos, batalhando pela conquista de ajuda externa para as lutas de emancipação nacional, deslocando posicionamentos soviéticos e chineses no mapa de forças geopolíticas, liderando a complexa costura de apoio de regimes socialistas controversos para a resistência dos povos colonizados.

Em junho de 2012, em Havana, pude conversar com Lourdes Cervantes, atual chefe política da OSPAAAL, com intuito de encontrar, na história desta peculiar instituição, os caminhos que levaram o Terceiro Mundo a se encontrar com o Segundo. A seguir os principais trechos da entrevista.

ENTREVISTA

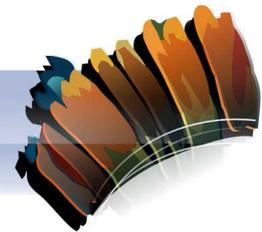
Joana Salém Vasconcelos [JSV]– A OSPAAAL foi uma espécie de “Internacional dos Países Subdesenvolvidos”? Como ocorre a entrada de Cuba na OSPAAAL nos anos 1960?

Lourdes Cervantes [LC] – Falar da entrada de Cuba na OSPAAAL não é exatamente correto. O que realmente ocorreu foi que, após o triunfo da revolução cubana, um entusiasmo revolucionário despertou na América Latina, se espalhou pela região que majoritariamente já havia conquistado a independência formal de suas metrópoles históricas no século anterior (majoritariamente, porque ainda hoje existem países e territórios coloniais em nosso continente). Ao calor desse entusiasmo surgiu um processo de ebulição revolucionária que se concretizou em um conjunto de movimentos majoritariamente armados, e outros com maior impacto no âmbito da política e em alguns casos, emblematicamente o Chile, usando a via eleitoral. O continente atravessou essa etapa de luta revolucionária armada e depois desses anos veio uma brutal repressão, em nível hemisférico. Foi ao calor desse ascenso, da ebulição revolucionária na América Latina junto dos movimentos de libertação nacional da Ásia e da África que ainda lutavam, por via armada e política, no âmbito anticolonial, que essas iniciativas decidem unir esforços e construir uma ferramenta comum de luta tricontinental para ajudar-se mutuamente, assistir-se e apoiar-se política e concretamente, pela via do internacionalismo, para conquistar ou completar o processo de descolonização no Terceiro Mundo. No caso da América Latina, para apoiar os movimentos revolucionários anti-imperialistas, políticos e/ou



armados, que impulsionavam a luta contra o neocolonialismo e a subordinação total que se produziu no hemisfério em relação aos Estados Unidos após a conquista da independência formal. Encontram-se, então, em Havana, os líderes de todos esses movimentos insurrecionais de libertação nacional, naquilo que provavelmente constituiu a reunião mais relevante que já teve lugar na história do Terceiro Mundo. Eram líderes da América Latina, do Caribe, da África, do Oriente Médio e da Ásia. Eles fazem uma avaliação da situação internacional da época, adotam um conjunto de resoluções de caráter político e um conjunto de compromissos concretos para dar continuidade à construção da solidariedade internacionalista, que nos permitiu alcançar grandes objetivos como: completar o processo de descolonização da África, Oriente Médio e Ásia, desenvolver a luta anti-imperialista, preservar a soberania nacional e preservar culturas e identidades nacionais, diante de uma dominação externa histórica. Hoje, quarenta anos depois, é possível ver como a cultura pode ser uma das mais fortes armas de penetração imperialista, através da guerra midiática e do poder absoluto dos meios e serviços de comunicação do capital transnacional. O caminho da emancipação traçado na Conferência, através da unidade e da solidariedade dos povos do Sul, também se propunha a superar o subdesenvolvimento, o atraso econômico e as condições feudais de produção em muitos destes países. Então se celebra em janeiro de 1966, em Havana, a primeira Conferência Tricontinental. Nessa Conferência, dirigentes de 82 países do Sul, com mais de 600 delegados, decidem criar a OSPAAAL. A OSPAAAL é resultado da Conferência Tricontinental. E como a Conferência foi celebrada aqui, se definiu que o Partido Comunista de Cuba ocuparia a Secretaria Geral e que a organização teria como sede a cidade de Havana. Então, mais do que falar em como Cuba entrou na OSPAAAL, estamos falando de como nasceu a OSPAAAL: ela nasceu em Cuba.

A OSPAAAL não é uma organização cubana, é uma organização de caráter tricontinental, com um Secretariado Executivo Internacional, que é sua instância máxima de decisões e execução de ações. O Secretariado foi integrado sobre uma base geográfica equitativa, com quatro representantes por cada área do Sul. No caso da América Latina e Caribe, integraram o Secretariado Porto Rico, Guatemala e Chile, junto com Cuba, que ocupou a Secretaria Geral. Representando a África Subsaariana, estavam movimentos de libertação nacional da África do Sul, Angola, Guiné e Congo. Na Ásia, estavam movimentos da Palestina, Síria, Vietnã e Coréia. Essa composição do Secretariado sofreu alguns ajustes com o tempo, mas majoritariamente ainda está vigente hoje. Em seu nascimento, participavam algumas forças políticas que já não existem mais.



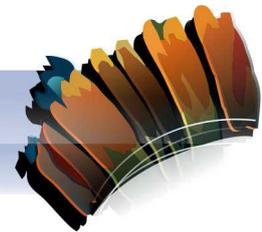
Do ponto de vista político, se considerava que a Conferência Tri-continental foi o encontro mais representativo e numeroso de dirigentes e forças políticas dos países do Sul. Por isso se converteu em um marco histórico que não foi superado por nenhuma outra reunião desta natureza 46 anos depois. Conforme foram conquistando a independência, muitas reuniões destes países que antes eram coloniais passaram a ocorrer em caráter governamental no cenário do Movimento de Países Não Alinhados e do Grupo dos 77 Mais China. Mas nesses casos eram países independentes em reuniões governamentais, e não forças revolucionárias e movimentos.

Essa reunião também foi um marco histórico porque apesar da cisma sino-soviética, tanto o Partido Comunista da China, como o Partido Comunista da União Soviética participaram como observadores e se comprometeram a apoiar política e concretamente os movimentos de libertação nacional do Sul. Foi provavelmente, na época do cisma, o único momento histórico em que ambas as forças coincidiram com a necessidade de impulsionar a mesma organização e se comprometeram a fazer esse esforço comum, em condições de igualdade e respeito com as diferenças.

Foi também nesse momento que se definiu o caráter inequívoco de solidariedade, internacionalismo e terceiro-mundismo da política exterior de Cuba. Até esse momento havia uma intensa atividade internacional da jovem revolução cubana, apenas com 7 anos de existência, mas naquele momento se consolidaram os princípios da política exterior de Cuba: sua vocação terceiro-mundista, solidária e internacionalista que chegou até nossos dias. Hoje prestamos uma ajuda internacional pela via da educação, da saúde, da cultura, do esporte. E somos um país pequeno, com enormes dificuldades econômicas, mas que fez da solidariedade uma definição de suas relações internacionais.

JSV – A OSPAAAL, em seu princípio, propunha o socialismo como estratégia, ou aceitava também uma estratégia capitalista de emancipação nacional?

LC – Mais que uma estratégia de sair do subdesenvolvimento por uma via socialista, a OSPAAAL foi uma ferramenta para organizar a solidariedade internacional dos países do Sul para que saíssem da condição colonial. A OSPAAAL deu espaço à heterogeneidade de forças que compuseram sua fundação. Algumas destas estavam em estado de desenvolvimento político e luta que apontavam o socialismo como uma meta, uma estratégia, particularmente na América Latina e Caribe. Mas

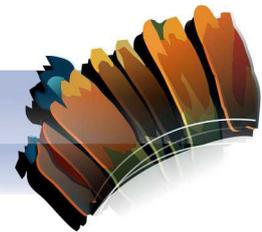


também deu espaço às forças que estavam apenas lutando pela independência, por soberania nacional e emancipação, diante de uma cruel dominação colonial como a vivida pelo continente africano, de saqueio, criminalidade e fúria. De fato, o presidente da Comissão Preparatória da Conferência Tricontinental, o líder marroquino Mehdi Ben Barka, cujo busto está na entrada da OSPAAAL, foi um dirigente do processo de descolonização africano muito respeitado, assassinado pelos serviços secretos franceses e com apoio da CIA em outubro de 1965, ou seja, três meses antes da celebração da Conferência Tricontinental, com objetivo de frustrar a Conferência. Com isso buscava-se impedir que a figura que havia unido África, Ásia e América Latina, junto com a direção da revolução cubana, ao morrer, ao desencabeçar o processo preparatório, fosse inviabilizada a realização da Conferência. Em termos de unidade e solidariedade do Sul, pela força que possuía o Sul, a Conferência ia acontecer de qualquer modo, como resposta aos interesses da dominação imperialista e colonialista da época. Enfim, o consenso não excluía o socialismo, mas não se estabelecia o socialismo como único horizonte, nem como única estratégia. Porque os vários estágios de desenvolvimento político e as diferenças ideológicas das forças que se fundiram na Conferência Tricontinental não permitiam ainda estabelecer o socialismo como único horizonte.

JSV – Quando surgiu a OSPAAAL, quantas organizações a apoiaram?

LC – Se consideram membros fundadores da OSPAAAL 327 organizações de 82 países, que estavam na Conferência Tricontinental. Depois, vieram outras organizações como observadoras, fundamentalmente, forças políticas e representantes do antigo campo socialista europeu, alguns da Europa Ocidental, da própria América do Norte, mas sempre insistimos que os membros fossem organizações do Sul. Hoje, temos organizações membro, colaboradoras e amigas em 89 países. Temos contatos internacionais com quase todos os países do mundo, mas aí para troca de informação com aliados, que se identificam com nossa agenda de trabalho, com o que publicamos na Revista Tricontinental, com nossa postura anti-imperialista.

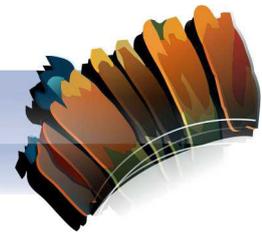
JSV – Quando os movimentos de libertação nacional começaram a ser exitosos, e se transformaram em governos, como a OSPAAAL lidou com essa mudança de correlação de forças e de conjuntura?



LC – Para além de lidar com essa mudança, se tratava de adaptar a ferramenta à trajetória de luta e às necessidades dos povos do Terceiro Mundo. Essa adaptação é o que fez com que a OSPAAAL existisse até hoje, com atualidade, ainda impulsionando a um novo internacionalismo em uma diferente etapa histórica. A maioria dos países e movimentos que participaram da Conferência Tricontinental alcançou a independência. Muitos se converteram em forças de governo – alguns ainda o são até hoje, para a sorte de todos. Não por isso se separaram ou distanciaram da OSPAAAL. Ao contrário, sentem que continuam sendo uma ferramenta para continuar a solidariedade política ativa com os países que ainda sofrem com dominação colonial ou ocupações, como é o caso de Porto Rico, Saara Ocidental, os territórios insulares do Caribe chamados de Departamentos Franceses de Ultramar, a Palestina, que não pode consumir sua independência e constituir um Estado Palestino independente. Não se distanciaram por ter conquistado a independência e tampouco se abstiveram de continuar com seu compromisso com a minoria que ainda está em luta. Por outro lado, as prioridades e as necessidades de cada momento mudam: a luta para sair do subdesenvolvimento, por uma nova ordem econômica mundial, para acabar com a troca desigual foram, em seu momento, as prioridades do Terceiro Mundo, bandeiras que a OSPAAAL tomou para si, para manter a articulação entre os povos.

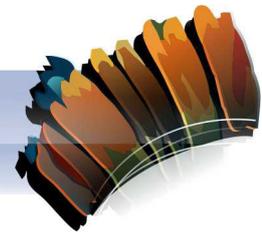
Nos anos 1960 e 1970, se produziu um levante de lutas e dos movimentos sociais, que se tornaram sujeitos protagonistas das transformações da América Latina. A OSPAAAL dá espaço a todos e coloca suas agendas entre as prioridades. Porque a OSPAAAL não é um fim em si mesmo, é uma ferramenta a serviço das lutas dos povos do Terceiro Mundo. Suas prioridades são as nossas.

Quando colapsou a URSS e o socialismo do Leste Europeu, as consequências foram dramáticas para todo o Sul e tiveram particular impacto para as forças revolucionárias anti-imperialistas. O colapso teve ainda singular significado para a revolução cubana. A OSPAAAL soube colocar Cuba como prioridade nesse momento, na luta contra o bloqueio, as manifestações de solidariedade com Cuba durante o período especial. Aí está um ponto importante: não pensar que a OSPAAAL é um fim em si mesmo, mas entender que é uma ferramenta, que pretende construir, modestamente, a unidade, a comunicação, criar pontes, aparar arestas, compreender as diferenças e buscar aquilo que nos une. Não poderíamos suprimir uma ferramenta como essa, no momento de uma contraofensiva reacionária brutal, que tem novas expressões, mas com os mesmos propósitos que sempre tem o grande capital.



JSV – Pergunto isso porque o governo cubano ocupa um espaço muito específico no conjunto de países que conseguiram se descolonizar. Cuba talvez seja um dos poucos exemplos em que a ocupação revolucionária do poder manteve sua radicalidade ao longo das décadas. Mas pode haver contradições: alguns movimentos de libertação nacional, ao chegar ao poder, caíram em contradições e abandonaram sua radicalidade inicial, cederam a formas capitalistas e burguesas de administração do estado. Na história da OSPAAAL, quais foram os exemplos desse problema?

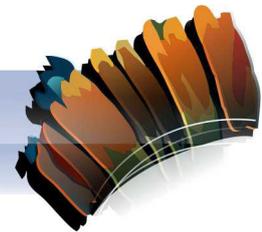
LC – Sem nenhuma dúvida. Movimentos de libertação nacional muito fortes, particularmente na Ásia e no Oriente Médio, ao conquistar o poder ou adquirir a independência por mecanismos de negociação com suas metrópoles, que não puderam mais conter a resistência popular contra sua presença, não mantiveram o mesmo nível de radicalidade em seu desempenho na administração ou exercício do poder. As causas foram diversas. Desde correlações de forças internas, até as próprias pressões internacionais, particularmente das ex-metrópoles e do imperialismo como sistema, que nunca renunciaram a sua capacidade de controle e dominação dos antigos territórios coloniais, dos países pobres e dos países que se encontram em uma situação inevitável de subordinação e desigualdade em relação aos países poderosos mais desenvolvidos. Nesse âmbito de disputa, sem nenhuma dúvida, alguns movimentos de libertação no poder tiveram que fazer significativas concessões, outros, por não fazê-las e confrontá-las, foram afastados do poder, e outros que, por suas particularidades, especialmente impactados pelo colapso do socialismo do Leste Europeu, viram uma proliferação escandalosa de mulpatidarismo, que não fizeram nada mais que servir ao processo segregacionista, de bantustonização, de fragmentação, de um continente que havia sido dividido arbitrariamente com uma régua sobre o mapa. Uma boa parte da debilidade da África hoje e do impacto da crise do capitalismo sobre o continente, bem como as tentativas permanentes de recolonização, a persistente presença militar ocidental e particularmente norte-americana, se devem a essa segregação. Os impactos dos distintos acontecimentos históricos nos processos internacionais, o fim da multipolaridade nas relações internacionais, o desprezo pela multipolaridade nas Nações Unidas, tiveram consequências específicas em cada região, de acordo com o momento que estão do processo de emancipação.



Nós buscamos preservar, na OSPAAAL e sob a liderança da revolução cubana, uma postura sem imposições político-ideológicas. Que sigam tendo espaço na OSPAAAL todos aqueles que se identificam com a unidade dos povos do Sul, a solidariedade, a necessidade de fazer avançar o Terceiro Mundo, a justiça, com independência de posições políticas, seja as que tiveram que desviar-se, seja as que puderam se consolidar no âmbito da radicalidade, correspondente aos acontecimentos históricos regionais, nacionais e internacionais. Isso não quer dizer que não houve forças políticas que se separaram da OSPAAAL. Sim, houve alguns casos, mas muito minoritários. Porque nós não pretendemos ter um instrumento ideológico. A OSPAAAL nunca teve essa pretensão. Porque um instrumento ideológico seria, em primeiro lugar, excludente, e em segundo lugar, ia reproduzir esquemas que tem sua própria história de êxito e fracasso, que são as internacionais dos partidos. A OSPAAAL não é uma internacional de partidos políticos, e nunca pretendeu ser. De fato, na OSPAAAL há espaço para forças políticas, movimentos de libertação nacional, de mulheres, camponeses, sindicatos, instituições acadêmicas, para todos que queiram lutar por melhorias no hemisfério Sul. Por uma vida própria, pelas possibilidades de alcançar o desenvolvimento, de resistir, de defender sua soberania, sua emancipação, sua independência diante das diferentes manifestações da ofensiva imperialista em todas as épocas. Se nós tivéssemos querido construir uma internacional, provavelmente não teríamos sobrevivido, ou então a ela se integrariam apenas forças pequenas, minoritárias, e esse não era o sentido. O sentido é saber trabalhar com a diversidade, a heterogeneidade e seguir dispendo de uma ferramenta que nos unifica.

JSV – Então no momento em que surgiu a OSPAAAL havia uma estratégia política diversificada, adaptada às condições nacionais específicas, mas com uma orientação geral de emancipação nacional. Havia uma estratégia econômica de desenvolvimento?

LC – Não creio que a OSPAAAL tenha criado uma estratégia de desenvolvimento econômico, nem a tenha promovido, mas sim havia uma posição inequívoca em relação com o direito a alcançar o desenvolvimento de cada um dos países que conquistavam a independência. Ou seja, a OSPAAAL não tem uma estratégia econômica em si mesma, produzida e irradiada por ela. Mas sim defende o direito ao desenvolvimento. Em segundo lugar, a defesa e o respaldo a posição dos países que conquistavam a independência pela construção de um novo órgão econômico internacional, que está em suas resoluções de 1966. Há uma



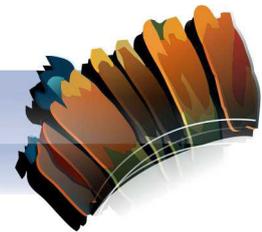
posição inequívoca de rechaço a toda penetração de caráter econômico, político, cultural e militar que possa colocar em perigo o exercício desse direito. A OSPAAAL produziu posições e ações concretas de divulgação, conhecimento recíproco e respaldo das históricas e experiências dos países do Terceiro Mundo e essa foi sua defesa da prosperidade, de bem estar, de desenvolvimento aos que se associaram.

JSV – Então não havia, por parte da OSPAAAL, uma intenção de ampliar as relações comerciais entre seus países membro?

LC – Não. A OSPAAAL é um organismo de caráter político, que se posiciona em relação ao subdesenvolvimento, ao direito ao desenvolvimento do Terceiro Mundo, mas que não promoveu iniciativas concretas em relação a superar o subdesenvolvimento. Isto se deu em outros âmbitos, essencialmente governamentais, como o Movimento dos Países Não Alinhados e o Grupo dos 77 Mais China, lutando no cenário internacional de caráter governamental, para produzir uma solidariedade que permitisse ajuda recíproca entre estes países e com este propósito. Depois, lutando por acessar tecnologias e recursos necessários para poder superar o atraso econômico monstruoso em que se submergem os países, como resultado da dominação colonial e neocolonial.

JSV – E quem financiou a OSPAAAL, ao longo de sua história?

LC – A OSPAAAL se financia essencialmente com as contribuições voluntárias de suas organizações-membros. Não há sequer cotas, porque nem todas as organizações estão nas mesmas condições de contribuir. Portanto, é voluntário, o que pode ser muito justo, mas também incerto para a vida da instituição. Foi decisivo, sem dúvida, a contribuição e o compromisso do Partido Comunista de Cuba, acolher a OSPAAAL aqui em Havana. Mas essa contribuição do governo e do Partido Comunista de Cuba se deprimiu substantivamente no período especial. Foi um momento também difícil para o funcionamento de nossa organização. Buscamos diferentes vias para conseguir recursos mínimos que permitissem permanecer com alguma projeção internacional, nesta difícil etapa para Cuba e para todo o Terceiro Mundo, pelos impactos da queda do socialismo. E isso nos permitiu não deixarmos de funcionar e até nos fortalecemos com a solidariedade internacional, que nos era mais necessária que nunca. Nesse momento começamos a comercializar nossos materiais políticos, nossa Revista Tricontinental, nossos cartazes, que tem um público muito determinado – não estamos falando de vender doces! Mas de qualquer maneira foi uma fonte de renda para nosso autofinanciamento. E ajustamos nossos gastos de forma austera, poupando o máximo que podíamos,



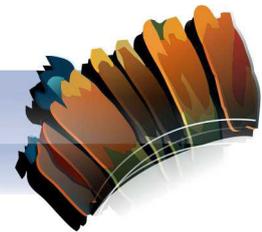
para poder priorizar os escassos recursos financeiros para as políticas internacionais mais importantes, aquelas que já estamos compromissados e, sobretudo, as de escala continental latino-americana. Esse novo momento que se desenvolve na América Latina, entre os movimentos sociais e as forças políticas, as campanhas temáticas e setoriais que se levam a cabo, as articulações com os movimentos sociais e povos da ALBA, requerem nossa presença. Obviamente, hoje trabalhamos com recursos muito modestos.

JS – Quanto à organização política, vocês têm uma Conferência regular? Quais são as instâncias de trabalho?

LC – Sobretudo depois desta etapa difícil no mundo inteiro que foi gerada com a queda do socialismo, o impacto que isso teve para a revolução cubana, o período especial e a crise econômica em Cuba, a impossibilidade do Partido Comunista de Cuba dar os respaldos que historicamente havia dado à organização, decidimos nos reunir de forma orgânica nos aniversários da OSPAAAL a cada cinco anos, para idealizarmos a agenda e submetê-la às organizações membro que possam vir (pois já não temos orçamento para poder financiar eventos internacionais desta magnitude). E nos períodos intermediários organizamos, com apoio das forças políticas e movimentos mais interessados, conferências de caráter temático ou de solidariedade com países específicos, como no caso da Palestina. No último decênio, convocamos duas conferências internacionais de apoio à Palestina fora de Cuba, com o compromisso de apoio financeiro das forças políticas dos países anfitriões, das próprias forças políticas palestinas que foram receptoras da solidariedade e de outros que tiveram a possibilidade de contribuir. Organizamos também conferências de solidariedade a Porto Rico, contra a colonização, pela libertação de seus prisioneiros políticos nos Estados Unidos. O último indulto dado aos prisioneiros políticos foi na administração Clinton! Ou seja, buscamos temas que sejam priorizados na agenda de trabalho da OSPAAAL e tratamos de levar estes eventos internacionais para fora de Cuba, que não tem mais as condições que teve na etapa de nascimento da OSPAAAL e no período posterior de poder destinar um conjunto importante de recursos que inevitavelmente estes eventos despendem.

JSV – Originalmente, estas Conferências ocorriam com mais regularidade?

LC – Com mais regularidade. Quase sempre a cada dois anos se dava uma reunião entre as organizações membro de um ou outro tipo. O secretariado executivo convocava reuniões para determinar os temas da agenda, as prioridades políticas para o período. Logicamente, depois dos anos 1990, foi preciso distanciá-las, porque qualquer reunião internacional desta natureza custa: em passagens, alojamento, alimentação...



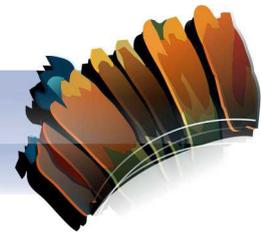
E já não havia a possibilidade de fazê-lo desde Cuba porque estávamos buscando aqui uma independência com a alimentação, os temas essenciais de saúde e educação de nosso povo. E houve uma grande coincidência nos países de Terceiro Mundo de que nesse momento, o prioritário se tornou a revolução cubana, que não estava em condições de continuar dando o apoio histórico que havia dado. Ao contrário, era preciso tornar recíproca a ajuda, depois do que Cuba havia feito até então por forças políticas do Terceiro Mundo. Esse nunca havia sido um tema de discussão e de questionamento entre as organizações que integram a OSPAAAL.

JSV - Existem outras sedes da OSPAAAL pelo mundo?

LC – Não. Há uma OSPAAAL na Espanha, que surgiu de maneira totalmente independente a nós e um belo dia soubemos da existência uma da outra. E claro, depois se aproximaram da OSPAAAL e desenvolvemos alguns projetos em comum na África e outros países do Terceiro Mundo. Porque eles são uma ONG e podem canalizar alguns recursos, com os quais podemos realizar projetos. Demos nossas sugestões, que se desenvolveram com êxito na Angola, na República Dominicana, na América Central, Guatemala, El Salvador, etc. Porém não são uma organização membro da OSPAAAL, ainda que colaborem conosco.

No nascimento da OSPAAAL, um grupo de países criaram Comitês Nacionais da Tricontinental. Algumas forças lograram se agrupar em Comitês para vir à Conferência Tricontinental unidos. A maioria destes Comitês Nacionais se desagregou ao longo dos anos. Porém aqueles que se mantiveram em contato direto com a OSPAAAL, a esses, sempre dissemos: “não porque se rompa um comitê nacional, se rompe a relação, o cordão umbilical, a conexão e o compromisso de continuidade da luta solidária, anti-imperialista e internacionalista”. E assim perduraram organizações membro. O Novo Movimento Independentista Nacional Hostosiano de Puerto Rico é membro da OSPAAAL, assim como o Partido Socialista Porto-Riquenho, a Refundação Comunista de Porto Rico, a Brigada Juan Rius Rivera. Uma coisa não exclui a outra. E não faz falta que haja uma sede da OSPAAAL em Porto Rico para que o país participe da vida da OSPAAAL.

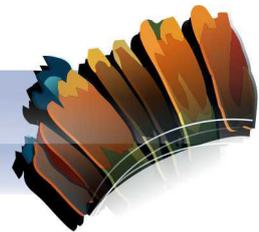
JSV – Qual era a relação da OSPAAAL com o reformismo radical da América Latina dos anos 1960 e 1970, como por exemplo os intelectuais da CEPAL, que pensavam os problemas estruturais do subdesenvolvimento? Havia alguma troca?



LC - Sim, havia. Muitos destes intelectuais assistiram reuniões da OSPAAAL convidados, faziam apresentações em encontros regionais e internacionais convocados pela OSPAAAL. Agora a presença de organizações da OSPAAAL na CEPAL já não ocorria, porque a presença na CEPAL é governamental. Que em determinados momentos tenha havido forças políticas revolucionárias, anti-imperialistas ou de esquerda nos governos, podem assim ter coincidido como membros da OSPAAAL e da CEPAL, mas a representação era dos governos e não da OSPAAAL. O contato com essa intelectualidade reformista radical, ou desenvolvimentista, sim, ocorreu. Oxalá pudéssemos resgatar esta safra Cepalina para a época de hoje! O que a história fez foi anular muitas possibilidades e brechas para o desenvolvimento. A questão é que era uma época em que o mais avançado em termos de ferramentas para alcançar o desenvolvimento estava na CEPAL. O paradigma dominante sobre como alcançá-lo ainda se visualizava pela via da integração solidária, estilo COMECON, com uma distribuição internacional do trabalho, das rendas, etc. Era isso que visualizávamos como vanguarda do desenvolvimento.

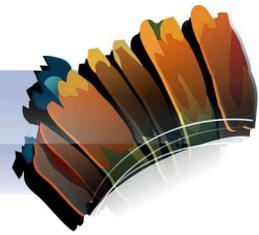
JSV - Cuba era um país protagonista da OSPAAAL e também membro do COMECON. Como você vê a relação entre eles? Havia alguma contradição ou eram estratégias de inserção que ocupavam dimensões distintas?

LC - A estratégia é única. Mas estamos misturando temas. Em termos de pretensão internacional, a estratégia é única. O curso transformador que segue ao triunfo da revolução cubana no âmbito de seu desenvolvimento econômico ou de suas aspirações de alcançá-lo, em determinado momento conduz a e se depara com sua integração ao COMECON. A definição do caráter socialista do processo de emancipação revolucionária cubana é inequívoca, desde a Declaração de Havana . A política solidária e internacionalista da revolução cubana não significa a imposição, ao Terceiro Mundo, de sua própria orientação política, nem de seus compromissos financeiros. A pretensão internacional da revolução cubana não impõe seus próprios espaços e muito menos fazendo abuso de sua condição de sede da OSPAAAL. A vocação internacionalista e solidária da revolução cubana em todas as etapas de sua história foi unitária, ampla, para somar e não subtrair, abarcadora, nunca excludente e sempre inclusiva, respeitosa das diferenças. E isso não exclui seus passos próprios de acordo com a particularidade de Cuba em matéria de inserção em um espaço como o campo socialista do Leste Europeu. Não vejo nenhuma contradição.



JSV – Você pensa que podemos falar de uma divisão internacional do trabalho do mundo socialista?

LC - Não sou economista, mas penso que houve uma tentativa de construir uma divisão internacional do trabalho no mundo socialista, na qual cada um oferecia suas vantagens econômicas e os demais tentavam compensar suas debilidades. Porque nem todos os países que se aproximam do COMECON o fazem em igualdade de condições de desenvolvimento das forças produtivas. E logicamente, entram os países com forças produtivas mais atrasadas, que era o caso de Cuba, mas também de alguns países do Leste Europeu, predominantemente agrícolas, produtores de alimentos, agroexportadores, com menor nível de desenvolvimento industrial (como a Bulgária, por exemplo). Todos estes países não se aproximam em igualdade de condições deste ensaio de integração econômica e comercial de novo tipo, que lamentavelmente se frustrou. Mas foi uma tentativa. Porque cada um dos países fornecia suas vantagens e o conjunto dos países compensava suas debilidades e carências, tentando aproximar-se gradualmente, nivelando as desigualdades do desenvolvimento respectivo de seus integrantes. Lamentavelmente, esse ensaio, em seu próprio decurso, teve algumas deformações. Mas perdurou muito pouco para poder ser avaliado. Em um período de tempo mais longo, até onde se poderiam corrigir tais deformações, a ponto de consolidar como um verdadeiro e transcendente processo ou projeto, em termos históricos, de integração econômica e de divisão internacional do trabalho? Eu não tenho nenhuma dúvida de que foi de novo tipo, não só por dar lugar a países em condições de desigualdade para superar o subdesenvolvimento das forças produtivas, mas também pela justiça das relações econômicas, comerciais e financeiras que se manifestaram. Foi praticamente o mais próximo da nova ordem econômica internacional proposta pelos países do Terceiro Mundo, revolução cubana inclusa, ao longo de todos esses anos até hoje. Provavelmente, assistencialismo e ajudas não devidamente utilizadas estabeleceram relações de dependência excessiva que, ao colapsar como projeto, manifestou toda sua debilidade e deixam os países que ainda não tinham logrado alcançar certos níveis de desenvolvimento das forças produtivas no meio do caminho, pois não podiam fazê-lo em um ensaio tão curto - situação como a que ficou Cuba. Aqui, os níveis de dependência do comércio exterior, dos financiamentos externos, do desenvolvimento tecnológico eram muito altos e, portanto, nos colocou em uma crise econômica muito dura, o período especial. Eu não sou economista, então não me atrevo a aprofundar mais.



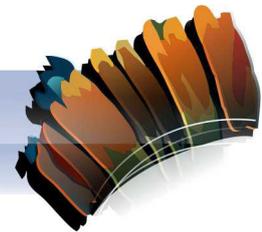
JSV – Qual é a relação entre a OSPAAAL e a ALBA?

LC – Primeiro, temos uma relação com cada um dos governos que integram a ALBA. Segundo, temos um canal de comunicação com a secretaria executiva da ALBA como projeto de integração. Para contribuir, sobretudo, com a divulgação das melhores experiências que ocorrem na América Latina em defesa de projetos de integração e sua projeção para outras regiões do mundo. E terceiro, temos uma presença na coordenação dos esforços de construção da ALBA ao redor do continente, com os movimentos sociais, as forças políticas e a intelectualidade orgânica mais avançada do continente. Foi uma iniciativa do presidente Chávez em 2007, que ainda está em processo de construção com os movimentos e organizações dos países-membro. E a outra iniciativa, paralela, denominamos por enquanto de “articulação dos movimentos sociais pela ALBA”, em que está o MST do Brasil, com base na unidade pelo paradigma da emancipação. Não só projeto de integração, mas sim paradigma da emancipação e resistência anti-imperialista.

JSV – Como você formularia uma periodização da história da OSPAAAL?

LC – De maneira um pouco improvisada, poderia localizar um grupo de períodos, tanto pelas prioridades e agenda política de lutas, quanto pela ação da OSPAAAL frente a elas. Poderíamos dizer que há uma primeira etapa desde o nascimento da OSPAAAL até o fim da Guerra do Vietnã e a derrota da agressão norte-americana conduzida pelo povo vietnamita. Nesse período, predomina na agenda da OSPAAAL a luta pela descolonização e contra a ação imperialista. Sua ação está mais dirigida à assistência política e prática de uns povos a outros. Quando falo em prática, falo de internacionalismo concreto, de apoio a estas lutas de libertação e inclusive com recursos financeiros, que tem como centro de coordenação a OSPAAAL e de onde se produz uma solidariedade concreta para sustentarem-se uns nos outros pela conquista da independência. Isso se traduz na solidariedade concreta com o processo revolucionário vietnamita, particularmente sua luta para expulsar o imperialismo de seu território. Aí está uma primeira etapa.

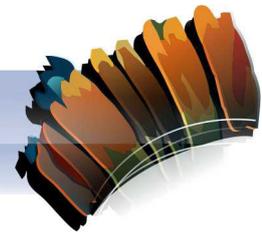
Depois, em 1975, se abre uma etapa que chega até a queda da União Soviética e o fim do socialismo do Leste Europeu, com os impactos que isso possui sobre o Terceiro Mundo, particularmente sobre as forças revolucionárias e anti-imperialistas que resistem. Nesse período, se colocam como prioridade na agenda da OSPAAAL os temas de emancipação econômica, os esforços para alcançar o desenvolvimento, o respaldo à luta por um aporte econômico internacional, a luta pelo progresso no âmbito da educação e da cultura - que se convertem em meta para países que conseguiram sua independência. Além disso, outros temas de



solidariedade internacional são significativos no período: a luta contra o apartheid na África e o processo de liberação das ex-colônias portuguesas, particularmente a Guerra de Angola. Há também o processo de emancipação que tradicionalmente se identifica como a Guerra da América Central. Nesta segunda etapa, foram estas as prioridades.

Na etapa de 1990, com o recrudescimento dos impactos da queda do socialismo sobre todo o Terceiro Mundo, isso nos obriga à atualização das prioridades da OSPAAAL, nas quais a mobilização da solidariedade internacional com a revolução cubana ocupou lugar importante, pois é o momento em que o imperialismo busca liquidá-la, pensando que esta não aguentará mais. Afortunadamente, essa percepção de que não se poderia perder a revolução cubana se tornou uma bandeira de luta de todo o Terceiro Mundo. A OSPAAAL irá considerar isso como significativa prioridade. É a etapa em que há uma intenção imperialista de “des-ideologizar” e despolitizar a luta e a resistência do terceiro Mundo em geral, o chamado “fim da história”. É a época da instauração do neoliberalismo, não somente como ferramenta de caráter econômico, mas também como uma verdadeira doutrina de dominação imperialista. Portanto, dá-se o enfrentamento contra o neoliberalismo e seu desmascaramento como doutrina de dominação imperialista global. Lutar contra o neoliberalismo se converte também em uma prioridade da OSPAAAL, bem como a luta política e ideológica face ao suposto fim dos paradigmas e ao impacto desmoralizador do fim do socialismo como paradigma. Nesse sentido, seguimos com a defesa do socialismo como paradigma, para além do fracasso que ocorreu na Europa, mesmo quando o Leste Europeu colapsou. É um período centrado nas lutas de unidade e solidariedade destes aspectos.

E há uma etapa mais recente - perceba que estou improvisando, com base na minha própria experiência de trabalho da OSPAAAL - com o soerguimento da luta de resistência da América Latina. Essa nova onda que vive o continente, com um conjunto de governos revolucionários que resistem em diferentes níveis e com diferentes graus de profundidade, com diferentes alcances, mas sem nenhuma dúvida pretendendo um bloco de resistência anti-imperialista, que suscita interesse, solidariedade e simpatia dos países do Terceiro Mundo. O processo coincide com esse boom de crescimento econômico da China e de outros países da Ásia e África, com processos econômicos, políticos e sociais muito particulares, que obedecem à realidade chinesa, mas também, de alguma maneira, forma-se um bloco de resistência frente ao controle hegemônico e absoluto que poderia exercer os Estados Unidos nesta região, caso não existisse tal processo e tal projeto. A isso se adaptam as prioridades de luta e atenção da OSPAAAL, no que hoje poderíamos chamar de quarta etapa.



PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA

VASCONCELOS, Joana Salém. Propriedade coletiva em debate: caminhos da revolução agrária em Cuba (1959-1964). Revista NERA (UNESP), 2015. (no prelo)

_____. Entre a guerra social e a crise da política. Ide (São Paulo. Impresso), v. 57, p. 41-53, 2014.

_____. O buraco negro do pemedebismo. Estudos Avançados (USP. Impresso), v. 28, p. 305-312, 2014.

_____. Karl Marx e a liberdade: de jacobino a comunista. Humanidades em Diálogo (Impresso), v. IV-II, p. 201-218, 2013.

_____. Controvérsias econômicas da transição soviética (1917-1929). Verinotio (Belo Horizonte), v.18, p. 28-45, 2013.

_____. Jacques Chonchol em Cuba: reforma agrária e revolução em 1961 (Entrevista). Mouro: Revista Marxista (Impresso), v. 7, p. 72-88, 2012.

_____. Acumulação Socialista Originária e o debate econômico da transição em Cuba. Leituras de Economia Política (UNICAMP. Impresso), v. 19, p. 21-49, 2012.

_____. Sobre el Movimiento Estudiantil Chileno de 2011. Contrahistorias (Impresso), v. 18, p. 63-77, 2012.

_____. Cansaço, a longa estação (resenha). Revista Novos Rumos (Impresso), v. 49, p. 161, 2012.

_____. Reforma Agrária e subdesenvolvimento: a experiência de Cuba. Mouro: Revista Marxista, v. 4, p. 93-102, 2011.

_____. Karl Marx: da crítica da Filosofia do Direito à crítica da Economia Política. Mouro: Revista Marxista (Impresso), v. 2, p. 55-95, 2010.

Outras publicações em: <http://lattes.cnpq.br/1948570242950688>